



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

KAYANDREE ZACARIAS GOMES DE ARAÚJO

PERSPECTIVAS DE ESTUDO DA POLIDEZ LINGUÍSTICA

João Pessoa/PB

2024

KAYANDREE ZACARIAS GOMES DE ARAÚJO

Perspectivas de estudo da polidez linguística

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Leonor Maia dos Santos

João Pessoa/PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663p Araujo, Kayandree Zacarias Gomes de.
Perspectivas de estudo da polidez linguística /
Kayandree Zacarias Gomes de Araujo. - João Pessoa,
2024.
34 f.

Orientadora: Maria Leonor Maia dos Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes, 2024.

1. Pragmática. 2. Polidez linguística. 3. Revisão
bibliográfica. I. Santos, Maria Leonor Maia dos. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

Trabalho de Conclusão de Curso, “**Perspectivas de estudo da polidez linguística**”, apresentado por Kayandree Zacarias Gomes de Araújo à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Ao meu sobrinho, Ravi Pedro de Oliveira (in memoriam), dedico.

AGRADECIMENTOS

A todos os artistas cujas vozes já ressoaram através dos meus fones de ouvido, obrigado por tudo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Leonor Maia dos Santos, obrigado por ter sido extremamente acolhedora, paciente e me apoiado ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Serei eternamente grato a ti.

À Ana Júlia Formes da Silva, por ser a amiga mais incrível que eu poderia ter. Obrigado por estar presente em minha vida há mais ou menos uma década. Admiro-te muito, és alguém incrível. Somos como almas que transcenderam o universo e viajaram através das galáxias apenas para que pudessem se encontrar nessa vida (e certamente em todas as outras que teremos).

Às seguintes pessoas: Laryssa Kelly; Emilly Karen; Creuba Araújo; Jaily Lilyane; Angélica Araújo e Bianca Sophie, obrigado por, apesar de todos os contratempos, situações inusitadas e a convivência possuindo personalidades completamente distintas, estarem ao meu lado e apoiarem as minhas escolhas.

Às minhas amigas de graduação, Maria Beatriz e Mylenna, obrigado por terem estado comigo desde o primeiro dia. A nossa amizade surgiu de uma maneira muito inesperada, entretanto, natural, como se estivéssemos destinados a estarmos juntos durante todo esse percurso.

À Livya, pelo quanto você foi importante para mim no início do curso. Ter alguém que me entendia de uma maneira ampla foi algo reconfortante e que me fez perceber que eu não estava tão sozinho quanto pensava.

Aos membros que farão parte da banca examinadora, obrigado por estarem presentes e pelo seu tempo.

E por último, agradeço a todas as pessoas as quais não expressei por meio de palavras, mas que espero que saibam que foram importantes para a minha jornada, tanto acadêmica quanto pessoal.

RESUMO

A polidez é um aspecto presente no dia a dia das interações sociais, como um fenômeno que rege os usos e comportamentos dos indivíduos. Este trabalho busca, a partir de uma pesquisa de revisão bibliográfica, apresentar as ideias que se encontram presentes nos trabalhos mais difundidos dentro deste campo teórico, e assim abordar o tema a partir de uma visão-base contrastiva sobre os conceitos propostos por alguns autores selecionados (Robin Lakoff; Geoffrey Leech; Bruce Fraser e William Nolen; Penelope Brown e Stephen Levinson; Catherine Kerbrat-Orecchioni), os quais circundam os estudos seminais da polidez, sistematizando a apresentação de suas linhas de pensamento, apontando as semelhanças e diferenças em suas abordagens, assim como a forma com a qual cada um deles trata as questões relacionadas ao tema, construindo assim um panorama comparativo sobre os principais conceitos que regem as diferentes linhas de abordagem dos estudos da polidez dentro da área da linguística. A pesquisa permite concluir que os autores propõem abordagens teóricas que apresentam discrepâncias no que tange ao tratamento da polidez em relação a questões que tratam da apresentação do fenômeno, construções linguísticas e manifestações, mas concordam sobre a polidez linguística ser necessária para efetivar a comunicação e responsável pela manutenção das relações, bem como que os primeiros estudos sobre o tema permitiram a continuidade e o desenvolvimento de estudos posteriores.

Palavras-chave: Pragmática; Polidez linguística; Revisão bibliográfica

ABSTRACT

Politeness is an aspect present in everyday social interactions, as a phenomenon that governs the uses and behaviors of individuals. Based on a literature review, this paper seeks to present the ideas present in the most widespread works in this theoretical field, and thus approach the subject from a contrastive basic view of the concepts proposed by some selected authors (Robin Lakoff; Geoffrey Leech; Bruce Fraser and William Nolen; Penelope Brown and Stephen Levinson; Catherine Kerbrat-Orecchioni), which surround the seminal studies of politeness, systematizing the presentation of their lines of thought, pointing out the similarities and differences in their approaches, as well as the way in which each of them deals with issues related to the subject, thus building a comparative overview of the main concepts that govern the different lines of approach to politeness studies within the area of linguistics. The research allows us to conclude that the authors propose theoretical approaches that present discrepancies when it comes to the treatment of politeness in relation to issues that deal with the presentation of the phenomenon, linguistic constructions and manifestations, but agree that linguistic politeness is necessary for effective communication and responsible for maintaining relationships, as well as that the first studies on the subject allowed for the continuity and development of later studies.

Keywords: Pragmatics; Linguistic politeness; Bibliographic review

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 - Esquema das estratégias de polidez elaboradas por Brown e Levinson	27
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. TEORIAS-BASE	
A pragmática	12
O princípio da cooperação e as máximas conversacionais	13
A origem das faces	15
3. OS DIFERENTES CONCEITOS DE POLIDEZ	17
Polidez como máximas	18
Polidez como um contrato conversacional	22
Polidez como mecanismo de preservação da face	23
O modelo de Kerbrat-Orecchioni	28
Algumas considerações sobre as diferentes abordagens da polidez	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

As interações verbais fazem parte do cotidiano das sociedades desde o início dos tempos como um elemento primordial, e elas são transformadas ao longo dele, seja histórica, cultural ou socialmente, e nesse meio, entram as questões sociais voltadas para como se dão tais interações de maneira concreta. A polidez pode ser considerada um aspecto importante no tocante ao convívio em sociedade por meio dos comportamentos e ações que asseguram a harmonia nas interações. O presente trabalho busca apresentar uma discussão teórica sobre os conceitos de polidez enquanto objeto de estudo da linguística a partir de uma revisão bibliográfica das obras de alguns importantes estudiosos da área, buscando traçar um panorama dos diferentes pontos de vista dos conceitos existentes.

Entende-se a comunicação humana como um fenômeno complexo e inerente às sociedades, transpassado pelos mais diversos fatores ideológicos e pessoais, que moldam as relações a fim de organizá-las e constituir as formas em que elas se dão em nosso cotidiano. A presente pesquisa visa contribuir com conhecimentos ao passar por definições e teorias que buscam compreender uma particularidade da interação humana, que nesse caso é a polidez. O objetivo geral deste trabalho é oferecer uma visão contrastiva dos conceitos de polidez dentro da pragmática linguística, e os específicos são: fazer uma seleção de autores que trabalham com a polidez; observar as linhas de pensamento de cada autor; sistematizar a apresentação das teorias de autores notáveis; refletir sobre as teorias, a relação que elas possuem com outros pressupostos teóricos, assim como, umas com as outras, apontando semelhanças e discrepâncias que possam existir na questão da formulação teórica sobre a polidez linguística.

A divisão dos capítulos foi feita a modo de apresentar os conceitos progressivamente, conduzindo à criação de uma tabela comparativa, a qual também terá a função de sistematizar, a modo de simplificar a complexidade dos estudos e abordagens do fenômeno.

Este texto tem duas partes: na primeira, serão apresentados os conceitos necessários para entender as abordagens específicas sobre a polidez que serão apresentadas ao decorrer do texto. Assim, na primeira parte, serão apresentadas a definição de pragmática, tanto de um ponto filosófico quanto linguístico, o princípio da cooperação e o conceito de face nos moldes dos pensamentos de Grice e Goffman; já na segunda parte, haverá a apresentação dos diferentes

tratamentos da polidez linguística, e serão abordadas as linhas de pensamento de autores selecionados, a saber: Lakoff; Leech; Fraser & Nolen; Brown & Levinson e Kerbrat-Orecchioni.

Para a realização deste trabalho, foram lidas as obras dos autores supracitados, a fim de construir um estudo do estado atual do conhecimento sobre as teorias pioneiras mais disseminadas dentro do campo de estudo da polidez linguística. A leitura e estudo do material foi feita a modo de procurar pontos onde as diferentes abordagens se aproximavam ou se distanciavam, assim como o método que cada autor utiliza para tratar e conceber a noção de polidez linguística.

TEORIAS-BASE

Neste capítulo será feita uma breve passagem por teorias que, fora importantes para os estudos da pragmática linguística, fazem-se necessárias para entender algumas questões relacionadas às definições de polidez que serão apresentadas no capítulo posterior.

A pragmática

Entende-se que a pragmática estuda como as pessoas fazem uso da linguagem a partir do significado pretendido, e também, como o contexto social e interacional influi no que é proferido pelo falante e interpretado pelo ouvinte. Os estudos da pragmática linguística se concentram no uso concreto da linguagem em situações específicas.

Charles Sanders Peirce é um filósofo norte-americano que criou o método filosófico do pragmatismo (depois alterado pelo próprio para “pragmaticismo”), uma corrente de ideias que se baseia no êxito prático, e a partir dessa abordagem, Charles Morris, também filósofo, na sua obra **Fundamentos da teoria das signos** de 1938, classificou a pragmática como uma das três áreas dos campos de estudos da linguagem, ao lado da semântica e da sintaxe.

A semântica é definida por Morris como o “estudo dos signos linguísticos em sua relação com os objetos que designam ou a que se referem”, a sintaxe como o “estudo das a relação dos signos entre si”, e a pragmática é definida como “o estudo relação dos signos com seus intérpretes” (MORRIS, 1938 apud MARCONDES, 2000, p. 39), este campo do estudo da linguagem estuda a relação entre a enunciação e a situação de enunciação (quem é o falante, o destinatário, o lugar e o momento).

A pragmática é, dentre as três, a única que traz estudos e análises a partir da produção linguística dos envolvidos no ato de fala. Yule (1996, p. 4) afirma que a “pragmática é o estudo das relações entre as formas linguísticas e os utilizadores dessas formas. Nesta distinção em três partes [feita por Morris], apenas a pragmática permite que os humanos entrem na análise.” (Tradução minha)¹, ou seja, a pragmática não foca apenas no estudo dos significados, mas também, no extra-linguístico, e nos contextos onde tais enunciados estão inseridos. Para o autor, a vantagem

¹ Pragmatics is the study of the relationships between linguistic forms and the users of those forms. In this three-part distinction, only pragmatics allows humans into the analysis.

de estudar a língua através da pragmática é a possibilidade de que se pode falar sobre os significados pretendidos pelas pessoas, os seus pressupostos, os seus propósitos ou objetivos, e os tipos de ação (por exemplo, pedidos) que estão a realizar quando falam.

Ainda para Yule (1996), a pragmática foi, por muito tempo, desprezada pelo fato dos estudos da linguagem darem mais atenção aos aspectos formais de análise, focando em elementos abstratos que poderiam ser passíveis de uma universalização, enquanto o uso concreto e regular da língua não era devidamente investigado.

Formas e usos que antes eram ignoradas por conta da falta de possibilidade de serem manipulados pelos estudos formais começaram a ser resgatados, fazendo com que fossem estudados os aspectos que fizeram com que tais usos não fossem passíveis de estudo. Boa parte do que havia sido jogado na “cesta de lixo” (ver Yule, 1996, p. 6) em épocas anteriores por conta do método de análise veio a se tornar objeto de estudo da pragmática a partir da segunda metade do século XX.

A partir do que foi apresentado por Morris e Yule, podemos entender que a pragmática, enquanto relacionada com a linguística, busca estudar a língua em seu uso concreto no que concerne à interação humana, assim como as relações entre os indivíduos presentes nela, o que os sujeitos pretendem dizer através da construção de seus enunciados, e os diversos contextos onde poderão estar inseridos.

O princípio da cooperação e as máximas conversacionais

Tendo aparecido primeiramente nas conferências realizadas na Universidade de Harvard, em 1967, “*Logic and Conversation*” (traduzido para “Lógica e conversação”), publicado em 1975 pelo filósofo Paul Grice, é um artigo em que o autor tratou da questão da significação na linguagem. Vale ressaltar que Grice já vinha estudando há mais de uma década o que poderia ser transmitido pelos enunciados para além do código.

O princípio da cooperação pode ser definido superficialmente como um conjunto de esforços que buscam assegurar o sucesso na interação entre os indivíduos, fazendo com que existam determinados comportamentos que garantam o sucesso e entendimento mútuo no processo interacional. Sobre isso, o autor escreve: “Faça sua contribuição conversacional tal como é

requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1975, apud DASCAL, 1982, p. 86).

Para Grice, os diálogos, em sua forma geral, não são uma série de observações desconectadas, e que, em uma interação, os interlocutores seguem um princípio que os guia no uso da língua a partir de esforços cooperativos orientados por um objetivo comum, e aqui também há de se pensar que o contexto possui importância no que tange à interpretação dos enunciados. O que é implicado durante um diálogo não é expressado por meio da linguagem, mas sim, inferido por meio da ordem racional da interação. Inconscientemente, os indivíduos trabalham de forma cooperativa, lendo nas entrelinhas, a partir da necessidade de se entenderem. A partir de tal observação, Grice formulou o princípio da cooperação, e a fim de detalhar a sua teoria, o desdobrou em quatro máximas, as quais contêm submáximas específicas:

Todas as passagens citadas nas definições das submáximas estão em DASCAL 1982, p. 86-88.

- Máxima da quantidade - sobre esta máxima, o autor afirma: “faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação); não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido”. Em outras palavras, com esta máxima, o autor estabelece que a informação compartilhada deve ser necessária, sem deixar vazios, mas também, sem excessos.

Para exemplificar, imaginemos que um homem está andando na rua até que para um pedestre para perguntar que horas eram e ele responde o seguinte: “são 19 horas, 15 minutos, 35 segundos e 40 centésimos”. À frente de uma interação cotidiana, a resposta obtida viola a máxima da quantidade se levarmos em conta o contexto do exemplo, uma vez que o falante forneceu informações desnecessárias.

- Máxima da qualidade - esta máxima está relacionada com a veracidade da informação que será exposta pelos interlocutores durante a interação. Eles não devem afirmar algo que desconhecem ou de que não possam fornecer evidência, que nas palavras do autor são duas submáximas específicas: “não diga o que você acredita ser falso; não diga alguma coisa para a qual você não tem evidências adequadas”.

Para exemplificar, imaginemos que dois amigos estão conversando e um deles pergunta ao outro a sua opinião acerca de um governo militar famosamente autoritário, e ele responde que é “democrático demais”. O amigo do falante que fez a pergunta está explorando a máxima ao

claramente falar algo que acredita ser falso, para que o seu amigo, que fez a pergunta, entenda que ele está sendo irônico dizendo o contrário do que realmente queria (que é o governo em questão é ditatorial/autoritário/opressivo).

- Máxima da relação - nesta categoria, o autor propõe apenas uma máxima: “seja relevante”, isto é, aponta que o locutor, quando interagindo, procure trazer informações pertinentes para o conteúdo.

Para exemplificar, imaginemos um diálogo onde o falante A diz ao falante B que haverá prova de português no dia seguinte e pergunta se eles irão estudar juntos, mas o seu amigo responde que “hoje não choveu”. O falante B está sendo intencionalmente irrelevante ao fornecer uma resposta que não seja coerente com o que lhe foi perguntado.

- Máxima do modo - esta máxima está relacionada com o modo como a informação é transmitida ou formulada, ou seja, o conteúdo deve ser transmitido com o menor número de ruídos² possível. O autor ainda dividiu essa máxima em uma super-máxima (“seja claro”) e várias submáximas específicas: “evite obscuridade de expressão; evite ambiguidade; seja breve (evite prolixidade desnecessária); seja ordenado”.

Para exemplificar, tomemos um diálogo onde um indivíduo pergunta ao outro o que ele acha de seu vizinho e ele responde que gosta do vizinho, mas que o cachorro não para de fazer barulho. Ao responder desta forma, o falante B acabou sendo ambíguo, violando uma das submáximas e implicando em duas possíveis interpretações: 1. gostar do vizinho, mesmo com o seu cachorro não parando de latir/2. não gostar do vizinho, e após isso, comparando-o com um cão por conta do barulho que ele faz.

Compreender a função das máximas em um diálogo e segui-las é algo fundamental para a construção de diálogos coesos que garantam sucesso na comunicação.

A origem das faces

Elaborado pelo sociólogo Erving Goffman, o conceito de face tem a sua origem a partir de um estudo da sociedade chinesa desenvolvido por Hu (1944) que aponta que o termo face possui dois conjuntos de critérios, *Mien-tzu*, que representa a face social externa, a reputação

² Ruído, segundo a Infopédia, é "tudo aquilo que perturbe a comunicação linguística".

criada, o reconhecimento social, influência e poder, e *Lien* que representa a face moral interna, onde estão presentes as questões que envolvem a vergonha, integridade e honra. *Lien* ainda pode ser descrito como a confiança depositada no caráter do *self*.

Goffman (1967, p. 5) escreve que o termo “face” corresponde ao “Valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser uma linha por ela tomada durante um contato específico.”³

A face é a identidade social do sujeito, sua representação social ao mundo, uma autoimagem pública, a qual segue o ritmo das interações, e por isso, ela pode ser apresentada de várias maneiras pelos locutores, até mesmo dentro da mesma interação. Goffman ainda afirma que essa face projetada, inicialmente de cunho pessoal, acaba correspondendo, mesmo que indiretamente, às regras e convenções sociais, uma vez que, se a ordem social não fosse respeitada, tal face não teria valor.

Para o sociólogo, as ações que implicam no trabalho de evitar os riscos inerentes à exposição recebe o nome de “*face-work*” (trabalho de face), e esse processo, segundo Goffman (1967, p. 12), é “uma condição para interação, não o seu objetivo”. O “*face-work*” são as ações tomadas por uma pessoa para que as suas ações sejam coerentes com a face que está sendo mostrada. Em uma interação face a face, o falante tenta convencer o ouvinte através de argumentos, pois o valor social social positivo é colocado em negociação. O conceito de face proposto por Goffman se tornou um dos componentes presentes na teoria da polidez elaborada por Brown & Levinson.

Os conceitos apresentadas neste capítulo serviram como base teórica para os desdobramentos feitos pelos teóricos da polidez linguística que estarão presentes no próximo capítulo.

³ The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact.

OS DIFERENTES CONCEITOS DE POLIDEZ

A polidez linguística é um tópico importante para a compreensão do funcionamento de toda e qualquer interação humana, pois contempla as estratégias e usos linguísticos que são utilizados para preservar a harmonia e equilíbrio entre os envolvidos nos processos de interação, os quais estão constantemente suscetíveis a riscos. Embora não tenha definição canônica, a polidez, em muitas pesquisas, é tratada como algo que tem relação com comportamentos sociais relativos à interação, sendo uma forma de comportamento.

A função da polidez é evitar conflitos que possam surgir entre os falantes, como um regulador de comportamento social, uma vez que o comportamento polido é utilizado de maneira geral. A polidez é um fenômeno universal (ver Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 102), porém a aplicação das suas regras não é, e por isso, tal processo pode vir a apresentar diferenças entre diferentes sociedades, ou até mesmo, em camadas distintas dentro de uma mesma sociedade.

Nesta seção haverá uma breve apresentação sobre como os autores selecionados para compor este trabalho tratam a polidez. A abordagem dos autores será posteriormente desenvolvida de maneira detalhada. Fraser (1990), aponta a existência de quatro tipos de perspectivas de abordagem da polidez: norma social, máxima conversacional, contrato conversacional e preservação de face.

Baseando-se nas máximas conversacionais propostas por Paul Grice (já apresentadas no capítulo anterior), Robin Lakoff (1973) apresenta a polidez como uma implicatura permeada por um conjunto de regras, já que, uma vez que o falante escolhe ser polido, talvez não comunique tudo aquilo que deveria, e até mesmo, venha a ser vago em seus enunciados.

Geoffrey Leech (1983) apresenta a polidez como um conjunto de regras para regular a vida em sociedade, tratando-a como uma forma de comportamento, criando assim as “máximas da polidez”, a fim de explicar como a polidez é usada durante o ato conversacional, baseada no comportamento humano. Para ele, a polidez é estabelecida através de uma relação harmônica entre os falantes, que é involuntariamente regida por tais máximas.

Fraser e Nolen (1981), baseando-se no princípio da cooperação de Grice e na noção de face de Goffman, apresentam o fenômeno da polidez como uma espécie de contrato conversacional, tratando a cooperação entre os indivíduos como uma sucessão de direitos e deveres passíveis de alterações de acordo com a relação entre eles e o contexto.

Baseando-se também nos aparatos teóricos Grice (1975) e Goffman (1967), ambos mencionados anteriormente, Penelope Brown e Stephen Levinson publicaram, em 1987, a sua versão da teoria da polidez. Para os autores, a polidez consiste em um processo mútuo duplamente orientado que varia dependendo do contexto comunicacional, e nele os interlocutores "cooperam" entre si, e desse modo a polidez pode até mesmo ser responsável pela ordem social. BROWN E LEVINSON (apud RUZIYEVA, 2020, p. 15) definem a polidez como "um sistema complexo para suavizar o comportamento de ameaça à face. Eles consideram a polidez como um fenômeno que pode ser codificado, permitindo assim ao linguista medir a polidez quantitativamente."⁴, essa quantificação está presente na questão da postura e estratégias adotadas pelo interactantes, uma vez que essas escolhas caracterizam o quanto os enunciados serão polidos.

A polidez, de acordo com Kerbrat-Orecchioni, em sua obra *La conversation* (1996) (traduzido para **Análise da Conversação: Princípios e métodos** [2006]), manifesta-se linguisticamente de duas formas distintas, a saber: positiva e negativa.

Nas próximas secções serão apresentadas as abordagens dos autores. Primeiramente, será falado sobre a polidez no pensamento dos estudos de Lakoff e Leech, a formulação feita por Fraser & Nolen, a teoria da polidez, elaborada por Brown & Levinson, e por último, o modelo elaborado por Kerbrat-Orecchioni.

Polidez como máximas

A perspectiva da polidez como máximas traz o viés do princípio da cooperação proposto por Grice, e aqui, tanto Robin Lakoff (1973) quanto Geoffrey Leech (1983) apontam a polidez como um conjunto de regras/máximas que partem da noção do princípio da cooperação, tratando a interação como um processo guiado pelo interesse mútuo entre os envolvidos, e que, mesmo quando uma das máximas não é atendida, o princípio ainda está sendo levado consideração, já que garante o sucesso na interação.

⁴ Brown and Levinson define politeness as a complex system for softening face-threatening behaviour. They view politeness as a phenomenon that can be codified, thereby enabling the linguist to measure politeness quantitatively.

Para a autora (Lakoff), as interações cotidianas não são resumidas apenas a repasse de informações, mas também são permeadas pelo interesse mútuo entre os envolvidos, o que a faz dar importância às condições pragmáticas que regem as interações.

Lakoff reconheceu os estudos de Grice e baseou-se neles para criar o seu próprio modelo de polidez, que consiste na combinação entre dois conjuntos de regras distintos, as de conversação, ou seja, as máximas conversacionais de Grice, e as de polidez, pensadas por ela, que mostraremos a seguir. Parte das definições e os exemplos que serão apresentados a seguir foram extraídos diretamente do artigo “The logic of politeness: Or, minding your p's and q”, de Robin Lakoff.

1) Não imponha [situações formais/impessoais - regra da formalidade]

Essa regra fala sobre permanecer indiferente e manter um certo grau de distância entre o falante e o enunciado ou falante e destinatário.

Exemplos: “Eu poderia perguntar quanto você pagou por aquele vaso, Sr. Hoving?”

“O jantar está servido.”

Os exemplos acima apresentam o uso de construções linguísticas que não impõem nada ao interlocutor.

2) Dê opções [situações informais - regra de respeito]

Tal regra orienta deixar o ouvinte tomar as próprias decisões, para que o falante não pareça assertivo demais. O falante pode, inclusive, suavizar os seus enunciados com formulações informais.

Exemplos: “É hora de ir embora, não é?”

“Você poderia fechar a porta?”

Kebrat-Orecchioni (2006, p. 84), ao tratar desses suavizadores de natureza verbal, os dividiu em procedimentos substitutivos e acompanhantes.

3) Faça o destinatário se sentir bem - seja amigável [situações de intimidade - regra de camaradagem]

Diferentemente da primeira regra, onde o grau de proximidade/distância é levado em conta, nesta o outro é tratado de forma igual (dependendo do contexto).

Exemplo: “Tu sabes o que quero dizer, certo?”

Esta regra é um tanto diferente da primeira, onde a formalidade e distanciamento são elementos presentes. Aqui os falantes buscam fazer com o que o outro se sinta desejado e ativo na conversa.

Para Lakoff (1973), ser polido ou não está relacionado com o cumprimento ou não das submáximas descritas acima, que, de acordo com a autora, possuem estruturas específicas para que possam ser realizadas, ou seja, o falante pode escolher entre ser ou não ser polido, mas se o escolher, de acordo com a autora, deve agir de acordo com as regras, que servem para guiar a conversa de forma adequada, de acordo com o momento. As três regras da polidez podem atuar sozinhas ou em conjunto.

Em síntese, as regras da polidez são usadas para evitar conflitos, e também, são responsáveis pela manutenção das relações interpessoais, podendo ser aplicadas em todos os processos de interação, possuindo um caráter universal, porém podendo variar de acordo com cada cultura, uma vez que a polidez pode ser entendida e acontecer de outras formas, como por exemplo, arrotar após a refeição para que saibam que a comida estava boa, ou até mesmo comer toda a comida do prato. A abordagem de Lakoff e se assemelha com a de Grice porque ambas são baseadas em máximas e princípios que guiam as interações dos indivíduos.

Lakoff entende a polidez como uma implicatura ou inferência, uma vez que o falante, para evitar ser impolido, viola uma das máximas conversacionais, porque, a partir do momento em que ele escolhe não impor, dar opções ou ser amigável, correrá o risco de não comunicar tudo o que precisa, ser obscuro ou até mesmo ambíguo. Para a autora, ser polido e evitar conflitos é mais importante do que ser claro, e isso faz com que, em sua concepção, as regras de polidez se sobreponham às regras de conversação.

Leech (1983), ainda sob a perspectiva e modelo teórico elaborado por Grice, estabeleceu uma distinção entre princípio da cooperação e princípio de polidez, sendo que o primeiro associa-se às máximas conversacionais para explicar como uma mensagem implícita pode ser veiculada, funcionando como um regulador do que dizemos, para assim atingir o objetivo, e o princípio da polidez associa-se às máximas da polidez para explicar a finalidade e situações de uso, mantendo o equilíbrio social. Leech propôs as seguintes máximas e submáximas em sua obra (1983):

1. Máxima do tato: minimize o custo para o outro; maximize o benefício para o outro. Utilizar de construções que suavizem a imposição realizando uma avaliação de custo-benefício. Exemplo: Pedir um favor a alguém, mas adiantar que tal favor não tomará muito do tempo de tal pessoa.

2. Máxima da generosidade: minimize o benefício para o eu; maximize o custo para o eu. Essa máxima pode ser manifestada através de elogios e ações que visam trazer benefício ao outro.

Exemplo: “Fazer um favor para outra pessoa mesmo que esteja sem tempo para realizá-lo.”

3. Máxima da aprovação: minimize o desagrado para o outro; maximize o agrado para o outro.

Exemplo: “Parabenizar alguém após uma apresentação.”

4. Máxima da modéstia: minimize o agrado para o eu, maximize o desagrado para o eu. Evitar se vangloriar e utilizar de minimizadores ou reparadores para que a face do outro não seja ferida.

Exemplo: “A: Você é uma pessoa muito bonita.

B: Ah, que nada! São seus olhos!”

5. Máxima da concordância: minimize a discórdia entre o eu e o outro; maximize a concórdia entre o eu e o outro.

Exemplo: “Sugerir um consenso entre as partes durante uma discussão onde ambas as pessoas não concordam entre si.”

6. Máxima da simpatia: minimize antipatia entre o eu e o outro; maximize simpatia entre o eu e o outro. Fazer algo positivo indiferentemente da posição em que o outro se encontra.

Exemplo: “Justificar-se após permanecer ausente por um longo período de tempo apresentando os motivos que levou a tal ausência.”

Posteriormente, Leech, em 2014 (apud NIERO, 2022, p. 49), retifica os seus estudos e reconhece as críticas ao modelo que foi proposto por ele mesmo em 1983, parando de usar o termo “máximas” e propondo um modelo mais global, apresentando a polidez como duas escalas, uma pragmalinguística/polidez absoluta (escala de mais impolido para mais polido) e uma sociopragmática/polidez relativa (mais polido ou impolido de acordo com o local e contexto social onde está sendo utilizado). A retificação feita por Leech não será levada em consideração para o objetivo proposto por este trabalho, uma vez que ele se atém à apresentação das formulações teóricas do modelo seminal dos estudos sobre a polidez linguística.

Pode-se inferir que Lakoff e Leech tratam a polidez de forma semelhante, como um conjunto de elementos que possibilitam a redução de conflitos e harmonizam as relações, além disso, ambos os autores não trazem uma definição concreta para o termo polidez.

Polidez como um contrato conversacional

Fraser & Nolen (1981) também utilizaram do princípio da cooperação na apresentação de sua abordagem, mas nela, a polidez é vista como um contrato conversacional estabelecido pelo princípio da cooperação, assim como da noção de face. Os indivíduos presentes em um diálogo passam a ter direitos e deveres, que fazem parte de tal contrato, que, de acordo com contexto e situação, é ajustado, e inconscientemente estabelecido, assim como o que podem esperar um do outro durante a interação.

Nesta abordagem, Fraser (1990) afirma que os termos do contrato podem ser impostos através da conversa, instituição social, bem como podem ser determinados por encontros anteriores das particularidades da situação.

Para Fraser, os termos do contrato que são impostos durante a conversação são: esperar a sua vez de falar, usar uma linguagem que seja de entendimento mútuo para os dois interactantes e falar de maneira clara para que o outro possa ouvir. Os termos que são impostos pela instituição social são representados a partir de exemplos dados pelo autor, como: sussurrar enquanto se está dentro de uma igreja, se referir ao chefe executivo de um país como “presidente” e, enquanto testemunha em um tribunal, apenas falar quando for questionado sobre algo.

Nesta abordagem, a polidez não é vista como algo esporádico, mas sim, como um reconhecimento vindo dos envolvidos no processo de interação sobre quem ele é e como deve agir, como algo que é esperado de estar presente em todas as conversas, sem se preocupar em fazer o ouvinte se sentir bem ou mal, mas sim, apenas em que ele cumpra a sua parte de acordo com os termos do contrato conversacional.

A polidez é dada como um elemento intrínseco, pois os contratos podem ser passíveis de renegociações a partir do conhecimento de fatores como o status, poder e posição/papel social de cada indivíduo envolvido no processo de interação, e isso faz com que entendamos que os enunciados não precisem de construções linguísticas específicas para serem tidos como polidos nessa perspectiva, e que apenas são considerados como tal se estiverem de acordo com a determinação imposta pelo contrato conversacional.

A abordagem proposta por Fraser & Nolen apresenta a polidez de uma forma diferente de Lakoff, no entanto, ao mesmo tempo em que existe um ponto de semelhança entre eles ao

considerar a polidez um conjunto de normas com aspectos que permeiam o uso da língua, há uma divergência existente no que tange à camaradagem e à necessidade de fazer o outro se sentir bem.

Fraser & Nolen consideram a polidez como algo que se antecipa a partir do estabelecimento dos termos do contrato conversacional, e isto é algo que, por outro lado, não será visto na teoria proposta por Brown & Levinson, que consideram a polidez como algo implícito.

Polidez como mecanismo de preservação da face

Penelope Brown e Stephen Levinson (1987[1978]) consideram a polidez como um evento interacional, ou seja, um ato, que é duplamente orientado, uma ação reparadora para amenizar o efeito dos “*FTAs - face-threatening acts*” (atos de ameaça à face) e a manutenção do equilíbrio social. Segundo Yule (1996, p. 60), a polidez, na interação, pode então ser definida como os meios usados para mostrar a qualidade de ser atento de uma outra face da pessoa. Neste sentido, polidez pode ser realizada em situações de distância social ou proximidade.” (Tradução minha)⁵. A partir da definição de Yule, pode-se inferir que a polidez atua em prol da manutenção e preservação da face.

Brown e Levinson dividiram o ato da polidez em quatro macroestruturas [bald-on-record, polidez positiva, polidez negativa e off record], conhecidas como “estratégias de polidez”, que por sua vez, dividem-se em estratégias de uso da polidez.

Os autores utilizaram dos conceitos que haviam sido introduzidos pelos estudos de Goffman, e trouxeram novos elementos constituintes para a noção de face anteriormente conceituada, apresentando dois polos que a constituem: o positivo e o negativo. Em toda interação, há no mínimo quatro faces envolvidas, pois tanto o falante quanto o ouvinte possuem faces negativa e positiva, definidas por Brown e Levinson como:

- Face negativa: “a reivindicação básica de territórios, de preservação pessoal, de direitos a não-distração— i.e. de liberdade de ação e liberdade de imposição” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61). Relacionada ao desejo de não haver imposição, ou seja, o exercício pleno de sua liberdade.

- Face positiva: “a autoimagem consistente e positiva ou 'personalidade' (crucialmente incluindo o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos

⁵ Politeness, in an interaction, can then be defined as the means employed to show awareness of another person's face. In this sense, politeness can be accomplished in situations of social distance or closeness.

interactantes” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61). Relacionada à aprovação, reconhecimento e aceitação no meio social.

Para Brown e Levinson, a interação é naturalmente ameaçadora, ou seja, postulam que todo ato de fala oriundo de uma interação pode vir a constituir uma ameaça para cada uma das faces do locutor ou interlocutor, e esses atos ameaçadores foram classificados em quatro tipos pelos autores, considerando a distinção feita anteriormente, sendo eles:

1) Atos ameaçadores da face negativa do emissor: os atos que afetam o território daquele que realiza o ato, como aceitar ofertas, promessas, confessar algo, expressar agradecimento, ou se comprometer a realizar um ato que invada o seu território.

2) Atos ameaçadores da face positiva do emissor: atos que colocam em risco a face positiva daquele que realiza o ato, como autocrítica, pedido de desculpas, confissão, aceitação de elogio, perda de controle físico e/ou emocional (comportamento autodegradante).

3) Atos ameaçadores da face negativa do destinatário: todos os atos que afetam o território do destinatário, como perguntas diretas e indiscretas, e também atos que impõem direção, como conselhos não solicitados, sugestão, proibição, ordem, pedido.

4) Atos ameaçadores da face positiva do destinatário: todos os atos que colocam em risco a imagem do outro, como receber crítica, refutação, censura, reprovação, chacota, insulto, sarcasmo...

As estratégias de polidez permitem com que os interactantes preservem a sua face que possa vir a ser ameaçada no ato enunciativo, e elas possuem as seguintes **manifestações linguísticas**:

- Bald-on-record (*On Record* - estratégia direta sem ação reparadora): de acordo com Brown e Levinson (1987), é uma forma direta de dizer de dizer as coisas, sem qualquer minimização da imposição, de uma forma direta, clara, inequívoca e concisa. Geralmente essa estratégia é utilizada por pessoas com um certo grau de proximidade.

Exemplos: “Fogo!” - quando falado em uma situação de urgência.

“Sente-se, por favor.” - pedido feito de forma direta.

- Polidez positiva (*On Record* - estratégia direta com ação reparadora): Brown e Levinson (1987) afirmam que a estratégia de polidez positiva tenta atender aos interesses, desejos e bens dos envolvidos, visando diminuir a distância social, mantendo a face positiva do interlocutor, buscando aceitação. As estratégias de polidez positiva consistem em:

Reivindicar pontos em comum

1. Considerar os interesses, vontades e necessidades do interlocutor;
2. Exagerar o interesse, aprovação e simpatia pelo interlocutor;
3. Intensificar o interesse pelo outro;
4. Usar marcas de identidade de grupo;
5. Procurar concordância;
6. Evitar desentendimentos;
7. Pressupor/levantar/afirmar pontos em comum;
8. Faça piadas;

Exemplos: “Você está faminto, faz um bom tempo desde que tomamos o café da manhã. O que acha de almoçarmos?” - Está se preocupando com o ouvinte, deduzindo alguma necessidade.

“Que jardim fantástico você tem!” - Há um exagero na aprovação.

“Oi, meu amigo! Tudo certo?” - Ao usar “amigo”, o falante está criando uma certa aproximação entre ele e o ouvinte.

Considerar que o falante e o ouvinte estão cooperando

9. Afirmar ou pressupor o conhecimento do falante e a sua preocupação com os desejos do ouvinte;
10. Prometer, oferecer coisas;
11. Ser otimista;
12. Incluir o ouvinte na interação;
13. Fornecer benefícios ao ouvinte (simpatia, cooperação etc.);
14. Assumir ou afirmar reciprocidade.

Exemplos: “Você já me ajudou tantas vezes. Hoje eu te ajudo.” - Aqui o falante está assumindo reciprocidade.

“Aqui tem comida, você quer?” - Oferecimento de coisas.

• Polidez negativa (*On Record* - estratégia direta com ação reparadora): de acordo com Brown e Levinson (1987), a polidez negativa é "o coração do comportamento de respeito" e é "mais específica e focada". Tal estratégia é usada para explicitar um tratamento mais distanciado, qual procura proteger a face negativa dos interlocutores. A polidez negativa é habitualmente usada em relações mais formais, e as suas estratégias consistem em:

1. Ser convencionalmente indireto;

2. Ser pessimista;
3. Minimizar a imposição;
4. Mostrar respeito;
5. Desculpar-se;
6. Impessoalizar o discurso, evitando o uso dos pronomes pessoais do caso reto eu e você;
7. Declarar o FTA como regra geral;
8. Agir como se estivesse em débito com o interlocutor.

Exemplos: “Sou um fracasso neste serviço, você poderia me ajudar?” - Há o uso do pessimismo para pedir ajuda.

“Eu não quero interrompê-lo, mas...” - O faltante está minimizando a imposição ao dizer que não quer interromper, mesmo que já esteja fazendo isso.

“O prato quebrou (em lugar de ‘eu quebrei o prato’ ou ‘você quebrou o prato’).”

• Off record (estratégia indireta): Brown e Levinson (1987) afirmam que o off-record utiliza uma linguagem indireta e retira o do potencial a ser imposto. Neste caso, o ouvinte deve fazer uma inferência para recuperar o que se pretende, tendo que violar as máximas de Grice. Além disso, indica que se os falantes quiserem evitar a sua responsabilidade de fazer FTAs, podem empregar esta estratégia. As estratégias *Off Record* consistem em:

Convocar implicaturas conversacionais

1. Dar dicas;
2. Fazer associações;
3. Pressupor;
4. Minimizar (subestimar);
5. Maximizar (exagerar);
6. Usar tautologias
7. Se contradizer;
8. Ser irônico;
9. Utilizar metáforas;

Exemplos: “Eu te liguei um milhão de vezes.” - Aqui há uma maximização.

“Meninos são meninos.” - Uso de uma tautologia com significado implícito.

“Você reprovou de novo? Parabéns!” - O faltante está sendo irônico, procurando passar a mensagem contrária ao que está sendo falado.

Há ainda um outro conjunto de estratégias *Off Record* em que os FTAs são amenizados por meio de implicaturas, violando uma das máximas e comunicando o que se pretende de forma indireta, a saber:

Ser vago ou ambíguo: violar a máxima do modo

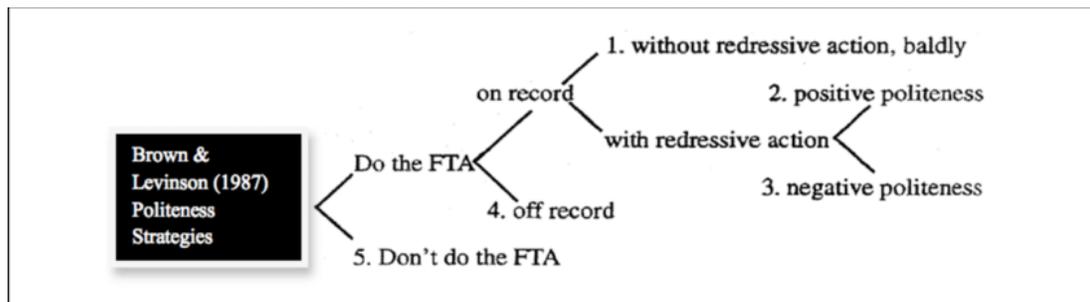
1. Ser ambíguo;
2. Ser vago
3. Generalizar;
4. Deslocar o ouvinte;
5. Fornecer informações incompletas.

Exemplos: “Não sei se gosto do frio ou do calor.”

“Quem ri por último, ri melhor.”

As estratégias de polidez consistem em uma atividade tanto consciente quanto inconsciente permeada por circunstâncias, uma vez que o falante pode trilhar caminhos diferentes enquanto em contato com o outro, começando pela opção de realizar ou não um ato ameaçador de face, e se o fizer, escolher entre fazê-lo de maneira direta (*On Record*) ou indireta (*Off Record*). Uma vez optando pela maneira direta, o falante ainda poderá optar por fazer ou não a ação reparadora, caracterizando a estratégia escolhida em polidez positiva, negativa ou bald-on-record. Ademais, ao escolher não fazer o FTA, a comunicação não ocorre.

Figura 1 - Esquema das estratégias de polidez elaboradas por Brown e Levinson.



Fonte: Google

Ainda para Brown e Levinson, a escolha da estratégia de polidez a ser usada é condicionada por fatores de ordem sociológica que variam entre três tipos:

(i) A distância social entre os interactantes: trata do grau de intimidade ou familiaridade (o quanto se conhecem), como por exemplo, a diferença entre perguntar as horas a um desconhecido ou a um amigo;

(ii) A relação de poder relativo entre o falante e o ouvinte: a noção de poder é importante, uma vez que possui influência direta na escolha da estratégia, seja de polidez positiva ou negativa;

(iii) O nível de imposição envolvido ao realizar um FTA de acordo com uma cultura específica (bem como socialmente): o quanto obrigatório e constrangedor é um FTA em uma determinada cultura pode apresentar variações de imposição sobre os interlocutores.

Entendendo a polidez como uma série de atos de preservação da face, Brown e Levinson propuseram uma teoria a qual apresenta um ponto de vista único sobre o que é a polidez, apresentando as estratégias de preservação de face e como esta pode ser ameaçada, e tudo isso, considerando a polidez como um ato concreto que possui o fim de preservar e fazer a manutenção da face dos sujeitos presentes na interação, ao mesmo tempo que carrega as intenções comunicativas dos envolvidos.

O modelo de Kerbrat-Orecchioni

Um dos estudos posteriores à elaboração da Teoria da Polidez de Brown & Levinson foi o modelo elaborado por Catherine Kerbrat-Orecchioni (2006[1996]), que, para além dos atos ameaçadores à face, introduziu os atos que valorizam a face, pois julgou o modelo de Brown & Levinson como excessivamente pessimista, que reduzia a polidez à sua forma negativa, focando potencialmente nos atos ameaçadores da face, sendo que alguns atos podem ser valorizantes, e estes foram denominados pela autora de “*FFAs - face-flattering acts*” (atos valorizantes da face) ou “*anti-FTA*”.

Kerbrat-Orecchioni apresentou uma relação entre procedimentos linguísticos e a polidez positiva e negativa, os quais se manifestam linguisticamente.

A polidez negativa, de natureza abstencionista ou compensatória (2006, p. 82), consiste em evitar fazer ou suavizar um ato ameaçador da face através da reformulação do enunciado a partir de certos procedimentos que criam alternativas de se obter um resultado esperado por meio de um caminho indireto feito através de manifestações linguísticas específicas de natureza verbal,

denominadas elementos suavizadores (os quais também podem ser de natureza não-verbal), que são divididos em procedimentos substitutivos e acompanhantes, e isto vale para qualquer uma das faces.

Procedimentos substitutivos: “consistem em substituir a formulação mais direta por uma outra mais ‘suave’” (p. 84).

- Formulação indireta do ato de fala: tal procedimento ocupa-se em atenuar um ato que venha a ameaçar as faces do destinatário.

Exemplos: “Eu não entendi isso muito bem” em lugar de “Você não se expressa claramente”, e aqui, em exercício da polidez, o falante assume o problema comunicativo, mas na verdade fica subentendido que está fazendo uma crítica ao outro indivíduo envolvido, e tal formulação ameniza o ato ameaçador à face positiva do destinatário.

- Desatualizadores modais, temporais ou pessoais: possuem a função de distanciar a realização do ato problemático.

Modais - Relacionado à forma com que algo é feito Exemplo: “Você poderia fechar a porta?”, onde o falante opta pela construção indireta do ato, ao invés de fazê-la de forma direta: “Feche a porta.”

Temporais - Exemplo: “Eu gostaria de saber se...” (o passado de polidez)

Pessoais - Apagamento da referência direta aos interlocutores através do emprego da voz passiva, do impessoal ou indefinido. Exemplo: “Não se fuma aqui.”

- Uso de procedimentos retóricos como lítotes (que, de acordo com a autora, na maioria das vezes que as encontramos nas trocas cotidianas, se aplicam a críticas ou a reprovações) ou o eufemismo.

Exemplos: “Você não lavou os pratos (a louça está suja).”

“Ele ficou rico por meios ilícitos (ele ficou rico porque roubou).”

Procedimentos subsidiários/acompanhantes: consistem em suavizar uma enunciação que pode constituir uma ameaça à face do outro.

- O acompanhamento de uma fórmula especializada.

Exemplos: “por favor...; se for possível...; se puder....”

- Reparações: consiste no pedido de desculpa e na justificação. Estes procedimentos ameaçam diretamente a face positiva do falante.

Exemplo: “Sinto-me arrependido.”

- Minimizadores: “a função é parecer reduzir, por meio da maneira pela qual se apresenta o FTA, a ameaça que ele constitui.” (p. 88)

Exemplos: “Posso tomar um pouquinho do seu tempo?”

“Você pode me dar um a ajudinha?”

- Modalizadores: “que, ao acompanharem uma asserção, instauram uma certa distância entre o sujeito da enunciação e o conteúdo do enunciado, e, no mesmo gesto, lhe dá ares menos peremptórios, logo, mais polidos.” (p. 89)

Exemplos: “acho que...; acredito que...; creio que...; provavelmente...”

- Desarmadores: “pelos quais se antecipa uma possível reação negativa do destinatário do ato, e se tenta neutralizá-la.” (p. 89)

Exemplos: “Espero que você não me interprete mal, mas...”

“Sei que você não gosta desse tipo de música, porém...”

- Moderadores: “são um tipo de ‘suavizantes’ que visam fazer engolir a pílula do FTA; pílula que sem eles seria muito amarga.” (p. 89)

Exemplo: “Feche a porta, meu anjo.”

Já que você está interrompendo tanto, por que não vem aqui e me ajuda?

A polidez positiva, de natureza produtiva (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 82), e mais perceptível na interação verbal, consiste na realização de um ato que enalteça uma das faces (positiva ou negativa) do destinatário. Nessa manifestação, o falante usa de construções hiperbólicas para reforçar tal valorização (Ex: Isso está absurdamente delicioso), e a litotização para suavizar uma possível ameaça (Ex: Isso está um pouquinho salgado para o meu gosto) (p. 92). Alguns dos procedimentos linguísticos da polidez positiva são: manifestação de acordo, oferta, convite, elogio, agradecimento, formula votiva ou de boas-vindas. A autora fala que, de modo geral, os falantes tendem a suavizar a formulação dos atos ameaçadores e reforçar a dos atos valorizantes.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 83), “Mostrar-se polido na interação é produzir FFAs tanto quanto abrandar a expressão de FTAs - e até mais que isso; nas representações prototípicas, a lisonja passa como sendo “ainda mais polida” que a atenuação de uma crítica”.

Algumas considerações sobre as diferentes abordagens da polidez

Os autores concordam que a polidez é responsável pela manutenção das relações através da cooperação mútua, uma vez que ela é fundamental para que se alcance os objetivos no processo de interação, através do uso seja das “normas sociais” de Lakoff, Leech, adaptação aos termos do contrato de Fraser & Nolen, ou a questão dos valores das faces de acordo com Brown e Levinson.

Aqui temos uma particularidade, que é a de que todos os teóricos que foram consultados para este trabalho se basearam nos estudos de Grice de uma maneira ou outra. Os autores também concordam com o fato de que alguns simples enunciados específicos (como ordens, pedidos, recusas...) podem vir a causar dano à interação, uma vez que eles são naturalmente contrários à ideia de polidez.

No que concerne à apresentação do fenômeno da polidez, há uma discordância, enquanto Lakoff e Leech consideram a polidez como um conjunto de normas, a tratando como uma forma de comportamento, Brown & Levinson a tratam como uma atividade motivada pela interação que possui o objetivo de amenizar os FTAs. Ao tratar de um falante real e da fala, a teoria da polidez rompeu com os modelos de estudos estruturalistas vigentes da época.

Na questão referente à estrutura e formulação, Lakoff escreve que a polidez é realizada a partir da construções específicas, tornando os enunciados naturalmente polidos. Kerbrat-Orecchioni também aponta construções específicas para manifestar a polidez, especialmente a negativa, através dos procedimentos que buscam reformular/suavizar a força dos atos. Por outro lado, Fraser & Nolen afirmam que os enunciados não são naturalmente polidos, podendo apenas ser considerados como tal se estiverem de acordo com o contrato conversacional. Brown & Levinson apontam que as estratégias não são naturalmente polidas, e que isso apenas acontece se elas se associarem a um certo valor da face.

Outra diferença existente entre as abordagens apresentadas por Lakoff e Fraser & Nolen está relacionada com a questão da camaradagem, onde Lakoff trata a camaradagem como uma das regras de polidez, enquanto Fraser & Nolen, ao considerar o contrato conversacional como um reconhecimento do indivíduo em relação ao seu papel na interação, aponta para o fato de que os interactantes apenas se ocupem em cumprir a sua parte do contrato, sem se preocupar em fazer o outro se sentir bem.

A principal diferença presente nas abordagens de Brown & Levinson e Kerbrat-Orecchioni está no fato de que a autora julga o modelo de Brown & Levinson como extremamente pessimista, já que os autores consideram a interação como naturalmente ameaçadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de conceberem pontos de vista distintos no que tange ao tratamento da polidez, é notável que os autores ressaltam a sua importância como um elemento central para efetivar a comunicação e o respeito entre os indivíduos, bem como a convivência nas diferentes sociedades, mostrando assim que, além de estarem cientes dos usos da língua, os interlocutores devem dar enfoque aos atributos contextuais e socioculturais envolvidos em certos discursos especificamente situados. Independentemente das diferenças existentes nas perspectivas, todas elas partem do mesmo pressuposto sobre a polidez: a escolha de estratégias a partir da preocupação do falante com o ouvinte.

A partir da seleção de autores, pode-se constatar que os selecionados para este trabalho utilizaram de teorias prévias para formular as suas apresentações do fenômeno da polidez linguística, e isso faz com que, além da relação com outros pressupostos teóricos, algumas perspectivas aqui mostradas possuam relação umas com as outras. Os autores consultados propõem abordagens teóricas que apresentam discrepâncias no que tange ao tratamento da polidez em relação a questões que tratam da apresentação do fenômeno, construções linguísticas e manifestações, mas concordam sobre a polidez linguística ser necessária para efetivar a comunicação, e responsável pela manutenção das relações.

A realização deste estudo também permite concluir que o arcabouço informativo oferecido pelas teorias que se destacaram durante a primeira onda dos estudos da polidez, e que serviram como modelo seminal para estudos posteriores, mostram os diferentes pontos de vista possíveis de abordar e entender o fenômeno tão complexo que é o processo de interação humana, bem como assumir o papel de base teórica para o desenvolvimento de estudos futuros. Ademais, o presente trabalho traz uma compilação de formulações teóricas que compõem os estudos mais difundidos sobre a polidez linguística, e visa contribuir com conhecimentos para a realização de trabalhos futuros que busquem continuar com os estudos sobre as diferentes formas de abordagem existentes sobre a polidez linguística.

REFERÊNCIAS

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FRASER, Bruce; NOLEN, William. **The association of deference with linguistic form**. 1981. In: FRASER, B. Perspectives on politeness. **Journal of pragmatics**, 14(2), 219-236, 1990.

GEORGIA, M. Green. **Pragmatics and natural language understanding**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.

GOFFMAN, E. (1967) On Face-Work. In: Goffman, E., Ed., **Interaction Ritual**, Pantheon, New York, 5-45.

GRICE, P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. **Fundamentos metodológicos da linguística. V. 4. Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística**. Campinas: Unicamp, 1982.

IBAÑOS, Ana Maria T.; COSTA, Jorge Campos da. A natureza da pragmática: percurso teórico em um piscar de olhos. **Letras de Hoje**, v. 52, p. 286-293, 2017.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação: Princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAKOFF, Robin. The logic of politeness: Or, minding your p's and q's. In: **Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago Linguistic Society, 1973. p. 292-305.

LEECH, Geoffrey N. **The pragmatics of politeness**. New York: Oxford University Press, 2014.

MARCONDES, Danilo. Desfazendo mitos sobre a pragmática. **Alceu**, v. 1, n. 1, p. 38-46, 2000.

NIERO, Gabriela. **“Você pode passar o sal?”: polidez, relevância e heteroconciliação de metas**. Orientador: Prof. Dr. Fábio José Rauen. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2022.

Porto Editora – ruído (linguística) na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-09-30 20:36:48]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$ruído-\(linguística\)](https://www.infopedia.pt/$ruído-(linguística)).

RUZIYEVA, N. et al. Face concept in the category of politeness. **European Journal of Humanities and Educational Advancements**, v. 1, n. 4, p. 15-20, 2020.

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press. 1996.